

## Interdisciplinaridade nos estudos toponímicos: a contribuição do modelo taxionômico de Dick (1980, 1990)

---

Interdisciplinarity in the toponymy studies:  
the contribution of dick's taxonomic model (1980, 1990)

Interdisciplinariedad en estudios toponímicos:  
la contribución del modelo taxonómico de Dick (1980, 1990)

### Elis Larisse Santos Gonçalves

Universidade Estadual do Ceará (UECE/Brasil)  
elislarisse7@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0003-1705-8228>

### Exedito Eloísio Ximenes

Universidade Estadual do Ceará (UECE/Brasil)  
expedito.ximenes@uece.br  
<https://orcid.org/0000-0002-4516-2244>

### RESUMO

A toponímia é uma área de estudo da Onomástica que está inserida no campo da Linguística e tem como objeto de estudo os nomes próprios de lugares. Dick (1980) foi uma das principais responsável por iniciar, no Brasil, o processo de sistematização no que diz respeito às metodologias de pesquisa dos estudos toponímicos. Dessa maneira, tornou-se a grande precursora de toda uma epistemologia no que diz respeito à Toponímia, levando em consideração as especificidades da configuração da toponímia brasileira. Deste modo, este artigo é de natureza bibliográfica e objetiva discutir o caráter interdisciplinar do modelo taxionômico proposto por Dick (1980), como metodologia para o trabalho com a Toponímia. Para tanto, discutimos brevemente o conceito de interdisciplinaridade (FAZENDA, 1996; FERREIRA,

---

\* Sobre os autores ver página 61



1996, POMBO, 2008; MORIN, 2011) e apresentamos a proposta de Dick (1980, 1990), argumentando sobre seu caráter interdisciplinar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dick; Toponímia; Modelo Taxionômico; Interdisciplinaridade.

#### **ABSTRACT**

*Toponymy is a major area of interest within the field of Onomastics that has proper place names as an object of study, aside from being part of Linguistics. Dick (1980), was one of the main responsible for initiate the process of systematization concerning toponymy research methodologies in Brazil. Consequently, Dick became the greatest precursor of the epistemology related to Brazilian Toponymy, considering its specificities. That being said, this bibliographic article aims to discuss the interdisciplinary property of the taxonomic model made by Dick (1980) as a methodology for the work with Toponymy. For that purpose, we briefly study the concept of interdisciplinarity (FAZENDA, 1996; FERREIRA, 1996; POMBO, 2008; MORIN, 2011) and also present the proposal stated by Dick (1980, 1990), considering its interdisciplinary features.*

**KEYWORDS:** Dick; Toponym; Taxonomic Model; Interdisciplinarity.

#### **RESUMEN**

*La toponimia es un área de estudio de la onomástica que se inserta en el campo de la lingüística y su objeto de estudio son los nombres propios de lugares. Dick (1980), fue de los principales responsables de iniciar, en Brasil, el proceso de sistematización de metodologías de investigación para estudios toponímicos. De esta manera, Dick se convirtió en el gran precursor de toda una epistemología en relación a la Toponimia Brasileña, teniendo en cuenta las especificidades de la configuración de la toponimia brasileña. Así, este artículo es de carácter bibliográfico y tiene como objetivo discutir el carácter interdisciplinario del modelo taxonómico propuesto por Dick (1980), como metodología de trabajo con la Toponimia. Por ello, discutimos brevemente el concepto de interdisciplinarietà (FAZENDA, 1996; FERREIRA, 1996, POMBO, 2008; MORIN, 2011) y presentamos la propuesta de Dick (1980, 1990), argumentando sobre su carácter interdisciplinar.*

**PALABRAS CLAVE:** Dick; Toponimia; Modelo taxonômico; Interdisciplinarietà.

## **1 Introdução**

Ao pensarmos a linguagem de maneira socialmente situada, abrimos um leque de percepções sobre as suas imbricações com a cognição e com as relações sócio-histórico-político-culturais. “A língua é tradicionalmente

entendida como algo fechado em si e autossuficiente” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 26), entretanto, com o desenvolvimento da ciência Linguística, podemos hoje compreender que a língua é um sistema que está inserido em contextos diversos que alimentam o sistema linguístico e por ele são alimentados, numa relação interdisciplinar.

Dessa forma, este artigo objetiva tecer algumas reflexões acerca das contribuições teórico-metodológicas do modelo taxionômico de Dick (1980, 1990) para o estabelecimento de interfaces entre os estudos linguísticos e outras áreas do saber, tendo em vista que foi a partir do desenvolvimento das pesquisas da referida autora que se estabeleceu uma metodologia científica para o estudo da Toponímia na realidade brasileira. Dessa forma, a pesquisadora tornou-se um dos principais expoentes dos estudos toponímicos no Brasil, portanto, uma das mais citadas em pesquisas cujo objeto de estudo é a toponímia.

Dick (1980), ao organizar, em sua tese de doutoramento, uma metodologia do trabalho nos estudos toponímicos específica para a realidade brasileira, alicerça e sistematiza o caminho para o estabelecimento de uma epistemologia nesse campo de estudo no Brasil, a partir, obviamente, de pesquisas que a precederam, como as de Sampaio (1902) e Drumond (1965).

Entre tantas contribuições que o trabalho desenvolvido por Dick ao longo dos anos logrou, uma das mais relevantes foi a ampliação teórica e metodológica da necessidade do estabelecimentos de interfaces nos estudos toponímicos, tendo em vista que, conforme podemos compreender, para nos debruçarmos sobre a organização de todo um sistema toponomástico, faz-se necessário “recorrermos” a conhecimentos de campos diversos do saber, de forma que, conforme veremos mais adiante, não se concebe um estudo em Toponímia sem estabelecer relações entre o signo toponímico e todas as questões históricas, sociais, culturais, geográficas que estão imbricadas no processo das escolhas denominativas. Mais curioso, ainda, é pensar que a supracitada autora desenvolveu tal metodologia em um período no qual ainda não se discutia de forma tão emergente o tema da interdisciplinaridade na realização das pesquisas científicas no Brasil, o que nos aponta para a hipótese de que a própria natureza do fenômeno toponímico demanda esse olhar interdisciplinar.

Conforme apontam Irineu e Araújo (2020, p. 206) “julgamos ser uma característica de diversas correntes contemporâneas que se voltam para o estudo da linguagem o estabelecimento de interfaces para a abordagem de seus

objetos de pesquisa, tão mais complexos quanto multifacetados”. Pensando o caráter complexo e multifacetado da Toponímia, nas próximas seções, por meio de um estudo bibliográfico, discutiremos o conceito de interdisciplinaridade e, posteriormente, discorreremos sobre como a interdisciplinaridade está no cerne do modelo taxionômico de Dick (1980).

## 2 Discussões acerca da interdisciplinaridade

O termo *interdisciplinaridade* vem sendo muito discutido ao longo dos anos, sobretudo no âmbito da educação, quando se pensa a quebra de paradigmas nos modos de ensinar e aprender. Muito se tem refletido sobre como proporcionar um ensino que rompa com as rígidas barreiras tradicionalmente estabelecidas entre as disciplinas escolares ou as áreas científicas e que proporcione vivências escolares mais integradoras que possibilitem uma visão ampla acerca das coisas no mundo. Mais que isso, a partir das discussões do novo paradigma da complexidade, foi que se teve uma noção mais ampla de que, se o conhecimento existe de forma complexa, na qual os conhecimentos, embora múltiplos, se interligam, porque não o pensar também em sua unicidade, ou seja, numa visão não fragmentada?

Na década de 1990 a interdisciplinaridade era considerada um novo “paradigma de conhecimento emergente” (FAZENDA, 1996, p. 16), em torno do qual, ainda segundo a autora, pairava muita insegurança, que pode ser refletida, inclusive, nas tentativas de definição do termo e nas delimitações entre o que seria *multi*, *inter* e *transdisciplinar*. Essa espécie de confusão conceitual é citada por grande parte dos autores que se dedicam ao tema. De forma mais contundente, Pombo (2008) tece uma extensa crítica às confusões em torno do termo e dos usos cada vez mais “esvaziados” que se fazem dele.

Para a autora, tendo essas palavras a mesma raiz, qual seja, a palavra *disciplina* - que, inclusive, já abrange vários significados – multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade são palavras que, a partir de seu prefixo podem ser entendidas como um “*continuum* que é atravessado por alguma coisa que, no seu seio, se vai desenvolvendo” (POMBO, 2008, p. 13). Neste sentido, temos em um primeiro nível, a multidisciplinaridade que compreenderia uma espécie de justaposição entre as disciplinas, ou as áreas científicas do saber, na qual duas ou mais disciplinas estabelecem um “paralelismo de pontos de vista” (POMBO, 2008, p.13). Em um movimento crescente desse *continuum* – mas não hierarquizante ou que denote a ideia de

evolução –, a interdisciplinaridade seria a integração, o estabelecimento de alguma combinação e harmonia nesse encontro entre as áreas do saber, em um movimento relacional de articulação. Por último, a autora afirma que a transdisciplinaridade seria “um ponto de fusão, de unificação, quando fizesse desaparecer a convergência, nos permitiria passar a uma visão holística” (POMBO, 2008, pp.13-14).

Em convergência com a definição anterior, Ferreira (1996, p. 22) afirma que “a interdisciplinaridade pode ser compreendida como sendo um ato de troca, de reciprocidade entre disciplinas ou ciências – ou melhor, áreas do conhecimento”. Dessa forma, podemos inferir que a interdisciplinaridade é o estabelecimento de um olhar integrador e mais amplo do conhecimento, é uma construção conjunta, não uma questão de justaposição dos conhecimentos, mas de relação, articulação entre eles.

Como pudemos perceber a partir dos conceitos expostos acima, fica claro que o cerne das propostas interdisciplinares se fundamenta na crítica à fragmentação do saber, fruto de um fazer científico centrado nas especialidades, na fragmentação do conhecimento em segmentos, no qual cada área do saber desenvolve um método de trabalho específico para lidar com determinados fenômenos tidos como específicos de cada área.

É interessante ressaltar que, embora neste trabalho estejamos lidando com as conceituações de interdisciplinaridade e voltando nossas atenções para como ela se configura na prática da pesquisa científica no campo toponímico, mais além veremos que a questão da interdisciplinaridade não diz respeito somente a uma forma de lidar com os conhecimentos do mundo, é uma forma de ação sobre o mundo, uma postura diante do conhecimento que advém de uma atitude ousada e que “exige a passagem da subjetividade para a intersubjetividade” (FAZENDA, 1996, p. 18), o que pressupõe uma nova relação dialógica e, até, empática entre o eu e os outros, ou entre o eu e os conhecimentos do mundo.

Indo mais a fundo, as noções de interdisciplinaridade estão relacionadas às discussões acerca da perspectiva da complexidade<sup>1</sup> que

atua para transformar este velho paradigma cartesiano, através de seu compromisso emergente e inventivo com avanços na teoria dos sistemas, na teoria da complexidade, na teoria da consciência integral,

---

<sup>1</sup> Para saber mais, consultar: PELANDA, Nize Maria Campos; BOETTCHER, Dulci Mörliise; PINTO, Maira Meira. *Viver/Conhecer na perspectiva da complexidade: experiências de pesquisa*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2017.

nos sistemas estruturados em determinação, na transdisciplinaridade, na inteligência emocional, na autopoiesis, nos biosistemas, na ecologia, na ecopsicologia, na ecopedagogia, na ecoalfabetização, na aprendizagem catalítica, nos conhecimentos indígenas, na pedagogia crítica e nas metodologias baseadas em artes (MACLAREN, 2017, p. 7).

Neste sentido, a perspectiva da complexidade é ampla e não discute somente a questão da fragmentação do saber. Trata-se de um novo paradigma, uma epistemologia que versa sobre toda uma forma de ver o conhecimento, que vai desde a crítica ao pensamento fragmentado, às novas concepções de como somos capazes de criar novas realidades.

Morin (2011), ao pensar na mesma perspectiva nos apresenta uma série de problemas ocasionados pela tradição fragmentada de conceber o saber. Para o autor,

A inteligência parcelada, compartimentada mecanicista, disjuntiva e reducionista rompe o complexo do mundo em fragmentos disjuntos, fraciona os problemas, separa o que está unido, torna unidimensional o multidimensional. É uma inteligência míope que acaba por ser normalmente cega. Destrói no embrião as possibilidades de compreensão e de reflexão, reduz as possibilidades de julgamento corretivo ou de visão em longo prazo. Por isso, quanto mais os problemas se tornam multidimensionais, maior é a incapacidade de pensar sua multidimensionalidade (MORIN, 2011, p.40).

O conhecimento compartimentado, portanto, reduz a complexidade dos fenômenos do conhecimento, no sentido de que há elementos no todo que só podem ser pensados se os fenômenos estiverem sendo analisados de forma panorâmica. Neste sentido, de acordo com os conceitos de interdisciplinaridade que vimos acima, se faz necessário um movimento de integração e diálogo entre os saberes, para que possamos enxergar determinados fenômenos do conhecimento de forma mais ampla e abrangente, estando atentos aos diversos aspectos que compreendem aquele fenômeno.

Na próxima seção iremos discorrer sobre as contribuições do modelo taxionômico proposto por Dick (1980, 1990) para o estabelecimento da interdisciplinaridade, ou seja, vamos discutir sobre como tal modelo já traz em sua proposta metodológica de pesquisa a necessidade de ter um olhar interdisciplinar para a análise dos topônimos.

É interessante, por fim, enfatizar que o estabelecimento de um novo paradigma é precedido por uma tradição científica. Embora reconheçamos que a busca por uma visão holística sobre os conhecimentos seja um paradigma emergente e necessário, tendo em vista que a tradição científica sendo feita de forma cartesiana e compartimentada já não abrange a complexidade de alguns problemas do mundo, tal perspectiva de pensamento científico nos logrou muitos frutos e nos elevou, enquanto humanos e enquanto pesquisadores, a grandes descobertas. Foi também por meio dele que foi possível percebermos criticamente esse fazer científico, sua lacuna e, a partir disso, tecermos uma nova forma de pensar e de perceber o conhecimento.

### **3 Modelo taxionômico e interdisciplinaridade**

Dick (1990), ao demonstrar a amplitude de pesquisas no âmbito da toponomástica, destaca que “[é] lícito considerar-se a Toponímia, antes de tudo, como um imenso complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente.” (DICK, 1990, p.16). O axioma acima toca em dois pontos muito caros ao desenvolvimento deste trabalho. O primeiro é a concepção de língua posta em destaque pela autora. Para Dick, a língua é um fenômeno, em sua natureza, interdisciplinar, tendo em vista que a pesquisadora aponta, em toda a sua produção científica, a língua como um fenômeno sócio-cultural. Desse modo, uma análise linguística, especificamente dos nomes próprios, precisa estabelecer interfaces com áreas que compõem a própria natureza do fenômeno linguístico, de modo que se pensarmos na língua como um complexo cultural, estamos admitindo que língua e cultura estão imbricadas e que há uma necessidade de que se observe, nos estudos linguísticos, aspectos culturais que estão imbricados na língua.

O segundo aspecto diz respeito ao caráter interdisciplinar já exposto na própria organização da metodologia de estudo da toponímia: sendo a toponímia, enquanto campo do saber, um complexo línguo-cultural, é imprescindível que áreas do conhecimento dialoguem para uma compreensão ampla do fenômeno envolvido nas escolhas denominativas, que não são estritamente linguísticos, mas que tem seu nascedouro em motivações de ordem cultural, histórica, geográfica, antropológica, entre outras. Assim, é indispensável para a realização de um estudo toponímico a interseção com

outras áreas do saber, para que se possa ter uma compreensão mais ampla desse fenômeno da linguagem.

A proposta metodológica de Dick (1980, 1990, 1992), consiste em analisar a toponímia sob dois vieses básicos: a análise da estrutura do topônimo, que envolve um estudo morfológico desses topônimos<sup>2</sup>; e a análise da motivação toponímica que, conforme a autora, abrange dois modos de análise:

Primeiro na intencionalidade que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, que o levam a eger, num verdadeiro processo seletivo um determinado nome para este ou aquele acidente geográfico. – E, a seguir, na própria origem semântica da denominação, no significado que revela, de modo transparente ou opaco, e que pode envolver procedências as mais diversas (DICK, 1990, p.18).

A escolha toponímica é um processo de seleção linguística que nos diz muito sobre a identidade dos denominadores, tendo em vista que a construção identitária é uma escolha de símbolos que representam os sujeitos individuais ou coletivos, demarcando, assim, suas identidades. E também nos diz muito sobre as relações de poder estabelecidas, ou sobre a relação dos sujeitos denominadores com seus espaços geográficos. Nesse ínterim, essa escolha envolve motivações baseadas naquilo que há de mais significativo para os sujeitos denominadores, por isso, tais motivações advêm de diversas ordens e podem estar ligadas a fatores culturais, históricos, sociológicos, geográficos etc. É neste sentido que argumentamos a inviabilidade de um estudo toponímico que esteja atento somente às questões estruturais do signo toponímico, é preciso estabelecer interfaces, diálogos, perceber o fenômeno toponímico como atravessado por outros conhecimentos que, pela fragmentação disciplinar, foram postos como sendo de determinada área, mas que na organização dos fenômenos do mundo estão imbricados nas escolhas linguísticas de denominação.

---

<sup>2</sup> Neste sentido, uma divisão básica feita é a que o signo toponímico é composto por um termo genérico, que é o que denomina o acidente geográfico, exemplo: cidade, rua, rio etc.; e o termo específico, que é o topônimo propriamente, aquele que será analisado. Ainda no que se refere à análise estrutural, outros aspectos morfológicos analisados dizem respeito à composição de todos os topônimos, se são simples, compostos ou híbridos. Para saber mais sobre a análise da estrutura, consultar Dick (1990, p. 10-13).

Assim, como compreender, por exemplo, a forma de denominação toponímica dos povos indígenas (muitas se perpetuaram ao longo do tempo e estão em pleno uso) em determinado espaço geográfico, sem mergulharmos na história das línguas indígenas, na história social desses povos, nos seus espaços, na sua cultura, em todo o seu modo de vida? Como entender, por exemplo, a relação dos denominativos indígenas referentes à flora e fauna brasileira? É preciso penetrar nessas outras questões que não são necessariamente linguísticas para entender os usos, as fixações ou o desaparecimento das formas de nomeação dos lugares.

Tendo em vista a complexidade desse fenômeno linguístico, acreditamos ser imprescindível a expansão da discussão sobre a necessidade de um olhar abrangente sobre os fenômenos linguísticos e, no nível da Toponímia, discutir esse caráter interdisciplinar da sua própria epistemologia.

Refletindo acerca dessa perspectiva interdisciplinar no âmbito da Toponímia, nos reportamos à crítica de Japiassu (2016), quando questiona

O que podemos fazer quando tomamos consciência de que nossos conhecimentos atuais revelam uma tremenda incapacidade de pensar o mundo globalmente e em suas partes? O que devemos fazer quando, diante da extraordinária complexidade do mundo atual, constatamos que nosso pensamento se encontra preso às cegueiras e miopias que caracterizam nossas universidades divididas em departamentos sem comunicação? Se nossos espíritos permanecerem dominados por um modo mutilado e abstrato de conhecer, pela incapacidade de apreender as realidades em sua complexidade e em sua globalidade; e se o pensamento filosófico continuar se desviando do mundo em vez de enfrentá-lo para compreendê-lo, então, nossa inteligência passa a viver na miopia ou na cegueira. (JAPIASSU, 2016, p. 3).

A exemplo do que outros teóricos colocaram na discussão que fizemos acima sobre interdisciplinaridade, sentimos, de forma ainda mais acentuada o agravo de um olhar compartimentado sobre os fenômenos do conhecimento. Somos convocados, enquanto pesquisadores, a termos um olhar mais abrangente, buscando a integralidade desses fenômenos.

Outrossim, é patente a contribuição do estudo interdisciplinar para a Toponímia, pois em algumas regiões os topônimos são, muitas vezes, único registro denominativo de determinadas coisas do mundo que não existem mais, como por exemplo, de plantas que já foram extintas da nossa flora, e até mesmo de línguas indígenas que desapareceram após não terem sido

valorizadas e preservadas, sequer respeitadas, não tendo sido feito registro escrito suficiente para que hoje conhecêssemos com maiores detalhes algumas dessas línguas, restando apenas escassos registros (muitos considerados corruptelas) na toponímia.

Ao lançar mão de um olhar interdisciplinar, Dick organizou uma taxionomia que se estrutura em 27 taxes, dentre as quais 16 são de natureza antropocultural, ou seja, nomes cuja natureza está relacionada às questões culturais, históricas e psicossociais; e 11 taxes de natureza física, que são os nomes cuja natureza está relacionada a aspectos físicos dos espaços geográficos. Dentro desses dois grandes grupos estão distribuídas as taxes específicas, conforme poderemos verificar no quadro abaixo:

**Quadro 1: Classificação taxionômica proposta por Dick (1980,1990)**  
(Continua)

<b>TAXES DE NATUREZA FÍSICA</b>
<b>Astrotopônimos:</b> Topônimo referente aos nomes de corpos celestes.
<b>Cardinotopônimos:</b> Topônimo referente às posições geográficas em geral.
<b>Cromotopônimos:</b> topônimo referente às cores.
<b>Dimensiotopônimos:</b> topônimo referente às características do acidente.
<b>Fitotopônimos:</b> topônimo referente aos nomes dos vegetais.
<b>Geomorfotopônimos:</b> Topônimo referente às formas topográficas.
<b>Hidrotopônimos:</b> Topônimo referente aos acidentes hidrográficos em geral.
<b>Litotopônimo:</b> topônimo referente aos nomes de minerais.
<b>Meteorotopônimos:</b> topônimo referente aos fenômenos atmosféricos.
<b>Morfotopônimos:</b> topônimo referente às formas geométricas.
<b>Zootopônimos:</b> topônimo referente aos animais.
<b>TAXES DE NATUREZA ANTROPOCULTURAL</b>
<b>Animotopônimos ou Nootopônimos:</b> topônimo referente à vida psíquica e à cultura espiritual.
<b>Antropotopônimos:</b> topônimo referente aos nomes próprios e individuais
<b>Axiotopônimos:</b> topônimo referente aos títulos e às dignidades.
<b>Corotopônimos:</b> topônimo referente aos nomes de cidades, países, regiões e continentes.
<b>Cronotopônimos:</b> topônimo referente às indicações temporais.
<b>Ecotopônimos:</b> topônimo referente às habitações de um modo geral.
<b>Ergotopônimos:</b> topônimos rela aos elementos da cultura material.
<b>Etnotopônimos:</b> topônimo referente aos elementos étnicos isolados.
<b>Dirrematotopônimos:</b> topônimo constituído de frases ou enunciados linguísticos.
<b>Hierotopônimos:</b> topônimo referente aos nomes sagrados. (hagiotopônimos) quando são relativos aos santos e santas do hagiológico romano.
<b>Historiotopônimos:</b> topônimo referente aos movimentos histórico-social e aos seus membros.

<b>Hodotopônimos:</b> topônimo referente às vias de comunicação rural ou urbana
<b>Numerotopônimos:</b> topônimos referentes aos adjetivos numerais.
<b>Poliotopônimos:</b> topônimos constituídos pelos vocábulos aldeia, vila, povoação, arraial.
<b>Sociotopônimos:</b> topônimo referente às atividades profissionais ou a ponto de encontro.
<b>Somatotopônimos:</b> topônimos referentes às relações metafóricas das partes do corpo humano ou animal.

Fonte: Dick (1980, 1990).

As taxes apresentadas acima tiveram, posteriormente, contribuições de outros pesquisadores, pois conforme as pesquisas se expandiram pelo Brasil, foi necessário a inserção de novas taxes que abrangessem outros aspectos da realidade toponímica brasileira, bem como acréscimos às próprias conceituações das taxes propostas por Dick. Para ficarmos somente em dois exemplos, temos a proposta de Isquerdo (1996) que fez um acréscimo à taxionomia de Dick, ao dividir os animotopônimos em eufóricos, que são os topônimos cujas motivações remontam a sentimentos bons, boas expectativas; e animotopônimos disfóricos, quando a nomeação remete a sentimentos negativos; bem como a contribuição de Francisquini (1998), que propôs taxes que abrangesse os topônimos formados por siglas, a qual ela denominou de acronimotopônimos.

Como pudemos ver, a própria organização taxionômica de Dick já pressupõe que para termos uma compreensão mais ampla acerca das motivações toponímicas, precisamos dialogar com outras áreas do saber, pois motivações de diversas ordens ganham sua materialidade por meio da língua. Dick estruturou o estabelecimento dessas interfaces à medida que relacionou, agrupou e nomeou conjuntos de topônimos que tivessem as mesmas motivações que, por sua vez, remetem a campos muito diversos do saber.

A motivação semântica não está relacionada somente à necessidade de dar nomes aos lugares, há um procedimento de escolha que é motivada por fatores diversos e que extrapolam a questão exclusivamente linguística, do ponto de vista mais formal, e passa por questões pragmáticas da língua, no sentido de envolver as intenções dos denominadores. Faz-se necessário, portanto, uma integração desses saberes, um diálogo entre diversas áreas para uma compreensão mais ampla do funcionamento da toponímia de determinado espaço geográfico, em outras palavras, faz-se necessário um estudo interdisciplinar.

Se o pesquisador percebe que em determinada região há um número considerável de **ergotopônimos**, é necessário, para que se pense uma análise crítica dessas formas de nomeação, conhecer os elementos da cultura material do povo, bem como entender os usos desses materiais, suas origens e a importância desses elementos para os povos que moraram na região, bem como pensar as motivações para a memória desses objetos ser refletida naqueles lugares que estão nomeados com tais nomes.

Isto posto, é possível perceber que o caráter interdisciplinar está na base epistemológica da própria toponímia, tornando-se inviável ao pesquisador dessa área o olhar fragmentado e isolado do fenômeno linguístico. Afirma-se, uma vez mais, a relevância de uma perspectiva relacional.

#### 4 Considerações finais

Como foi possível perceber, a proposta metodológica de Dick configura-se como um estudo do léxico toponímico constituído de muitas interfaces, ou seja, trata-se de uma proposta que possibilita a construção de diálogos entre estudos linguísticos e áreas do saber como a história, a antropologia, a memória, os estudos culturais e identitários etc. Nosso objetivo foi mostrar como a interdisciplinaridade (tão almejada por muitas áreas e por muitos pesquisadores) já está no cerne dessa proposta metodológica, sendo, portanto, inerente às pesquisas toponímicas.

Partimos, portanto, da noção de que a linguagem é um fenômeno complexo, dialético, criativo, dotado de dinamicidade e não linear (DEMO, 2002), o que não anula o fato de ter, também, alguma estabilidade a qual nós, pesquisadores, buscamos também observar.

Consideramos importante evidenciar, ainda, a crítica que Segura (2021) teceu a um olhar “unidisciplinaria” para a Onomástica e, por conseguinte, para a Toponímia. Segundo a autora, a partir do momento em que se considera a Toponímia um objeto de estudo exclusivo da Linguística e da Antropologia, as outras áreas (índispensáveis para os estudos toponímicos) tornam-se acessórias, complementares para um estudo toponímico, e não um conjunto orquestrado de áreas refletindo acerca desse objeto de estudos. Essa prática não se caracteriza como interdisciplinar, mas sim “unidisciplinaria”, conforme as palavras da autora. Porém, acreditamos que na própria formulação teórico-metodológica de Dick, a autora já traz uma concepção de integração entre linguística e outras áreas do saber, e não somente de

empréstimo dos conhecimentos construídos por essas áreas a fim de favorecer a pesquisa linguística. Nossa percepção desse olhar integrativo se dá pelo fato de que compreendemos na proposta da autora uma concepção de que língua e realidades sócio-culturais são indissociáveis, estabelecem uma relação de imbricamento na qual linguagem se alimenta da cultura e vice-versa.

Acreditamos que pensar uma pesquisa numa perspectiva interdisciplinar seja um desafio, pois requer do pesquisador uma abertura maior para metodologias e postulados teóricos de áreas que, *a priori*, parecem não ter nenhuma relação com o que definimos como nosso objeto de estudo. E, ainda, requer a busca por uma formação mais ampla. Ao mesmo tempo, torna-se um prazer ir percebendo a teia de conexões que é o conhecimento, e as riquezas que esses diálogos podem nos oferecer.

## REFERÊNCIAS

- DEMO, P. **Complexidade e aprendizagem**: a dinâmica não Linear do conhecimento. São Paulo: Editora Atlas, 2002.
- DICK, M. V. P. A. **A motivação toponímica**. Princípios teóricos e modelos taxionômicos. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, FFLCH-USP, 1980.
- \_\_\_\_\_. M. V. P. A. **Toponímia e antroponímia no Brasil**: coletânea de estudos. São Paulo: acervo FFLCH-L3, 1990.
- FAZENDA, I. (org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- FERREIRA, M. E. M. P. Ciência e interdisciplinaridade. In: FAZENDA, Ivani (org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- FRANCISQUINI, I. A. **O nome do lugar**: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranaval. 1998. 255 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 1998.
- IRINEU, L. M.; ARAÚJO, J. Interfaces em pesquisas em Linguística Aplicada: as epistemologias em estudos sobre linguagem e tecnologia no PPGL/UFC e no POSLA/UECE. In: LIMA, A. H. V.; PITA, J. R.; SOARES, M. E. **A Linguística na teoria e na prática**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.
- JAPIASSU, H. O sonho transdisciplinar. **Revista Desafios**, v. 3, n.1, p. 3-9, set., 2016.

MACLAREN, P. Prefácio. In: PELLANDA, N. M. C.; BOETTCHER, D. M.; PINTO, Maira Meira (orgs.). **Viver/Conhecer na perspectiva da complexidade: experiências de pesquisa**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2017.

MARIN, A. J. Educação continuada: sair do informalismo? *In: CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES*, 1, 1990. Águas de São Pedro. Anais... São Paulo: Unesp, 1990. p.114-118.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2 ed. rev. São Paulo: Cortez, 2011.

POMBO, O. Epistemologia da interdisciplinaridade. **Revista do Centro de Educação e Letras**, Foz do Iguaçu, v. 10, n. 1, p. 9-40, jan./jun., 2008.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

SEGURA, S. J. La onomástica como rama interdisciplinaria de la lingüística, ¿propuesta “unidisciplinaria” ? **Onomástica Desde América Latina**, n.4, v.2, jul./dez., 2021, p.147-175. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/onomastica/article/view/27527/pdf>>. Acesso em 16 set. 2021.

SOUSA, A. M. **Desbravando a Amazônia ocidental: estudo toponímico de acidentes geográficos humanos e físicos do Acre**. 2007. 122 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

*Recebido em 27 de julho de 2022.*

*Aceito em 8 de outubro de 2022.*

*Publicado em 30 de junho de 2023.*

## **SOBRE OS AUTORES**

**Elis Larisse Santos Gonçalves** é doutoranda em Linguística aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), mestre em História e Letras, também pela UECE, e graduada em Letras/Língua Portuguesa pela referida instituição. É pesquisadora no grupo de pesquisa Práticas de Edição de Textos do Estado do Ceará (PRAETECE) e atualmente está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLa/UECE).

**Exedito Eloísio Ximenes** é doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), cursou mestrado em Linguística também pela UFC e graduação em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Atualmente é professor adjunto nível I da Universidade Estadual do Ceará, atuando no programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada-POSLA e no Mestrado Interdisciplinar em História e Letras-MIHL da mesma universidade. É coordenador do grupo de pesquisa Práticas de Edição de Textos do Estado do Ceará-PRAETECE.